

PET REDE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

PROJETO

1. IDENTIFICAÇÃO DA UNIVERSIDADE:

- 1.1. Universidade: Universidade Federal do Oeste da Bahia
- 1.2. Campus: Campus Reitor Edgard Santos e Campus Santa Maria da Vitória
- 1.3. Pró-Reitora Responsável: Adma Kátia Lacerda Chaves (PROGRAD) e Anderson Breno Souza (PROEC)
- 1.4. Telefone: 77 3614 3541/ 77 98804 9985
- 1.5. E-mail: prograd@ufob.edu.br

2. IDENTIFICAÇÃO DA PROPOSTA:

- 2.1. Lote: () I () II () III (X) IV () V

2.2. Nome do Grupo PET: **Saberes Insurgentes: por uma educação antirracista no chão da escola**

- 2.3. Área de Conhecimento: Interdisciplinar

2.4. Cursos:

Curso	Licenciatura em Matemática	Conceito	4
Curso	Licenciatura em Física	Conceito	4
Curso	Licenciatura em Química	Conceito	5
Curso	Licenciatura em História	Conceito	4
Curso	Licenciatura em Geografia	Conceito	4
Curso	Licenciatura em Artes Visuais	Conceito	4
Curso	Licenciatura em Ciências Biológicas	Conceito	3

3. Descrição da Proposta

3.1 Resumo da proposta:

Este novo grupo do Programa de Educação Tutorial (PET), atrelado ao Lote IV – Rede de Educação Antirracista – se articula com os objetivos do Edital nº 4/2024 do Ministério da Educação e com a Proposta Político-Pedagógica Institucional da Universidade Federal do Oeste da Bahia (doravante UFOB), na medida em que busca instituir espaço de intervenção sociopolítica pautada na educação antirracista de estudantes de licenciaturas, orientada por práticas indissociadas de ensino, pesquisa e extensão de caráter interdisciplinar, articuladoras de saberes, sujeitos e comunidades negras e indígenas da região oeste da Bahia.

Por meio da parceria entre as comunidades indígenas, quilombolas, geraizeiras e de terreiros regionais e as comunidades escolares e universitárias dos municípios de Barreiras e Santa Maria da Vitória, na Bahia, esta Rede de Educação Antirracista pretende fomentar o diálogo profícuo entre teoria e prática no que tange ao debate sobre o racismo, relações étnico-raciais e quilombos no Brasil, com enfoque principalmente na educação das relações étnico-raciais e na educação escolar quilombola, considerando, de modo especial, o já estabelecido pela Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996; a lei nº 11.645/2008, que altera a LDB, modificada pela Lei nº 10.639/2003, obrigando a inserção da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino; a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012); e a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (Pneerq) - Portaria nº 470, 14 de maio de 2024.

A proposta envolve discentes e docentes de graduação de 7 (sete) cursos de licenciatura da UFOB, a saber: Artes Visuais, Ciências Biológicas, Física, Geografia, História, Matemática e Química, lotados em 4 (quatro) unidades acadêmicas: Centro das Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias (CCET), Centro das Humanidades (CEHU) e Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória (CMSMV), as quais fazem parte de 2 (dois) municípios: Barreiras e Santa Maria da Vitória. As referidas áreas de conhecimento serão articuladas com as seguintes áreas temáticas: cultura, educação, meio ambiente e tecnologia e inovação. O grupo contará ainda com a participação de professoras(es) e gestoras(es) da Educação Básica desses dois municípios, a partir da parceria com as secretarias municipais de educação e dos Núcleos Territoriais de Educação (NTE's), do Estado da Bahia. A articulação com todos esses segmentos é primordial para a promoção de debates interdisciplinares, interinstitucionais e inter-regionais.

Além de envolver distintas áreas de conhecimento, esta proposta considera que para se formar/fortalecer uma rede de educação antirracista é necessário que haja um letramento racial crítico, que conte com a atuação das populações mais afetadas pelas opressões oriundas do racismo estrutural brasileiro, mas também com os futuros e atuais profissionais da educação.

A luta antirracista, historicamente, tem construído conhecimentos político-teóricos que pautam a importância da valorização das populações negras e indígenas, no combate a todas as formas de discriminação racial no país. Ao articular esta discussão à dimensão teórico-metodológica da interseccionalidade, complexificamos e aprofundamos ainda mais o fosso teórico e político que envolvem as lutas antirracistas, especialmente ao mobilizar conjuntamente os mais variados marcadores sociais de opressão que atravessam os sujeitos, como raça, classe, gênero, sexualidade, capacitismo, etarismo, dentre outros,

A interseccionalidade, desenvolvida secularmente pelo Feminismo Negro (vide, por exemplo, o discurso de Sojourner Truth, em fins do século XIX, nos EUA, “E eu não sou uma mulher?”), possibilita-nos compreender os fenômenos sociais, culturais, políticos, simbólicos, econômicos, históricos e educacionais através de uma luta anticolonialista, cuja potência reside em sua capacidade de pôr em movimento o conforto do privilégio branco e em operacionalizar forças para que possamos enxergar, e assim, desvendar e implodir suas engrenagens.

As discussões que envolvem a branquitude e a branquidade como fenômenos de hegemonia racial branca e seus privilégios sociais, éticos, econômicos, culturais, estéticos e políticos compõem as bases colonialistas que sustentam o racismo como prática cotidiana ainda presente em nossa subjetividade, as quais são reproduzidas no âmbito da educação escolar. Esta proposta visa justamente potencializar as forças docentes e discentes no combate ao racismo cotidiano e suas opressões interseccionadas, bem como oferecer ferramentas de promoção e valorização dos saberes ancestrais como ferramentas de construção de um mundo anticolonial e, assim, antirracista.

Em termos metodológicos, o espaço do PET priorizará ações pedagógicas inspiradas nos conhecimentos presentes em diferentes textualidades (escrito, oral, audiovisual, musical, etc.) advindos de cosmovisões diferenciadas, sobretudo, as oriundas dos legados dos povos africanos, afrodiaspóricos e indígenas, cujo saberes ancestrais são reelaborados de acordo com as referências do presente. Essa integralização de repertórios ocorrerá por meio de oficinas pedagógicas com dimensões intelectual, afetiva e prática, onde os conhecimentos serão retroalimentados de modo circular por meio de investigações científicas e de trocas de experiências.

3.2 Justificativa para Formação do Grupo PET:

A Universidade Federal do Oeste (UFOB) da Bahia é uma instituição *multicampi* cujo Território de Identidade Acadêmica abrange 80 municípios baianos (UFOB, 2019). O critério de abrangência são os limites administrativos dos municípios localizados em um raio de 150 quilômetros a partir das sedes municipais dos 5 (cinco) campi da UFOB (Barra, Barreiras, Bom Jesus da Lapa, Luís Eduardo Magalhães e Santa Maria da Vitória). Essa “região acadêmica” não coincide com nenhuma das nomenclaturas a exemplo de regiões geográficas intermediárias e imediatas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou Territórios de Identidade da Secretaria de Desenvolvimento Rural do Governo do Estado da Bahia, constituindo uma identidade particular.

Na soma dessas regiões geográficas intermediárias vivem 1.954.162 pessoas, conforme dados do Censo de 2022 do IBGE, sendo elas 1.455.313 autodeclaradas negras (74,47 %), incluindo aí 1.184.406 pardas (60,60%) e 270.907 pretas (13,86%), e 4.562 indígenas (0,23%). Em relação aos quilombolas, cerca de 96.398 pessoas fizeram suas autodeclarações, seja em territórios quilombolas ou em contextos urbanos. Das mais de 500 comunidades quilombolas da Bahia, das quais cerca de 381 são reconhecidas pela Fundação Palmares, 188 estão no referido Território de Identidade da UFOB.

Em relação aos indígenas, existem os povos aldeados Kiriri (Barreiras), Kiriri (Muquém do São Francisco), Tuxá (Ibotirama), Tuxá (Muquém do São Francisco), Pankaru (Muquém do São Francisco), Pankaru (Serra do Ramalho), Fulniô (Serra do Ramalho), Xacriabá (Côcos), Atikum (Santa Rita de Cássia) e Atikum (Angical). Há ainda indígenas em contexto urbano, a exemplo dos Tapuia (Muquém do São Francisco), Potiguara (Muquém do São Francisco) e Pataxó hã-hãe (Serra do Ramalho).

Destaca-se ainda que a Bahia possui a maior população rural em termos absolutos do país, bem como a segunda maior população indígena recenseada. O Território de Identidade Acadêmica da UFOB possui apenas dois municípios com mais de 100 mil habitantes, sendo a maior parte de sua população distribuída em municípios pequenos e com carente infraestrutura de serviços públicos que permitem acesso a direitos, especialmente quando na zona rural. Além de quilombolas e indígenas, existem pessoas negras vivendo em comunidades tradicionais geraizeiras, de fecho e fundo de pasto, ribeirinhas e em assentamentos. As regiões imediatas de Barreiras, Bom Jesus da Lapa e Santa Maria da Vitória fazem parte do espaço de fronteira agrícola denominado MATOPIBA e são locais com conflitos fundiários, migração intensa, processos de urbanização e aumento das desigualdades.

Esse cenário intensifica questões raciais que mediam o ordenamento social e as estruturas políticas e econômicas, acentuando desvantagens que evidenciam racismo estrutural

combinados com racismo fundiário e racismo ambiental. Essa situação coloca a UFOB como espaço privilegiado de promoção de uma Pedagogia Antirracista no combate dessas estruturas de desigualdades no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

Ao se inserir nesse território marcadamente racista e excludente, muito para além do cumprimento da Lei nº 12.711/2012 (lei de cotas) e de política própria de ingresso por critério de inclusão regional, a UFOB deve realizar ações antirracistas por meio de uma educação cidadã, socialmente referenciada, conforme seu princípio estatutário (Estatuto da UFOB, 2018). A presente proposta está voltada à atuação político-pedagógica na articulação de saberes de sujeitos e comunidades de terreiro, ribeirinhas, beiradeiras, quilombolas e indígenas, tendo a investigação científica como estratégia de formação crítico-reflexiva de estudantes de licenciaturas.

Atualmente, a UFOB conta com uma maioria de estudantes autodeclarados pretos, pardos, quilombolas e indígenas, 62% das matrículas, conforme Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2022). Esses estudantes são oriundos de escolas públicas, quilombos e até mesmo de países africanos e latinos, no âmbito do Programa Estudante Convênio-Graduação (PEC-G). Há também uma concentração maior desses estudantes nos cursos de licenciatura, 65% (250) das 383 matrículas.

Essa destacada presença negra nas licenciaturas carece de alinhamento na formação de professores para a educação básica como um dos caminhos de superação das estruturas racistas que marcam a região. Após a análise dos projetos pedagógicos dos cursos, com exceção da licenciatura em História, os demais cursos de Licenciatura da UFOB apresentam os conteúdos relacionados às leis nº 10.639/2003, Lei nº 11.645/2008, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola e Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Indígena, em componentes curriculares optativos. Assim, fica evidenciado a não existência de componentes curriculares obrigatórios voltados para a Educação das Relações Étnico-Raciais, Educação Escolar Quilombola e a Educação Escolar Indígena (vide Ari Fernandes Santos Nogueira, 2020). Esses conteúdos, quando abarcados, são aplicados de forma pontual em outros componentes curriculares e/ou por iniciativa própria de docentes.

Esse hiato nas propostas curriculares é ampliado pelo número reduzido de projetos de pesquisa e extensão sobre as relações étnico-raciais na perspectiva da Pedagogia Antirracista. O impacto dessas ausências não se limita aos processos de formação inicial de professores ofertado pela maior instituição de Educação Superior pública da região, mas também alcança as ações de formação continuada ofertadas a docentes dos sistemas de ensino da Educação Básica, visto que os municípios têm buscado na UFOB a oferta de ações formativas sobre o tema.

De maneira análoga ao que ocorre na revisão dos PPCs, a busca nos relatórios de gestão dos últimos dez anos, por ações de formação docente ou outras no âmbito da pesquisa e extensão junto aos professores da educação básica da região, promovidas pela UFOB, revela um quantitativo baixo daquelas que abordam as relações étnico-raciais, racismo e história da população negra, quilombola e indígena brasileira nas singularidades do oeste da Bahia. Esses fatos se somam e configuram uma lacuna curricular no ensino.

Na contramão dessa conjuntura, registra-se a resistência político-acadêmica de estudantes, docentes e técnicos-administrativos em educação (TAE) que se articulam em coletivos de pesquisa e de extensão para romper o silenciamento hegemônico dos conteúdos antirracistas, como é o caso deste grupo de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar.

Na UFOB, a negritude está representada pela própria comunidade estudantil, organizada em coletivos que, por meio de reclamações sobre as desvantagens de acesso, permanência e sucesso acadêmico, impõe à instituição pautas das desigualdades materiais racistas e a necessidade de debate institucional sobre essas questões, a exemplo do Coletivo Mucambo e da Associação de Estudantes PEC-G da UFOB. Cabe registrar outras experiências exitosas de pesquisa e extensão, como a participação da UFOB na Semana de Consciência Negra de Barreiras (SECONBA); na Semana da Consciência Negra e Seminário das Comunidades Quilombolas do Território Velho Chico, em Bom Jesus da Lapa; do Quilombando: estágio de vivência em comunidades quilombolas do Território Velho Chico; e o Grupo de Pesquisa Reexistências Afrodiaspóricas. O destaque para essas ações se dá pelo caráter contínuo, orgânico, articulado e o envolvimento com as comunidades negras e quilombolas.

A SECONBA é um coletivo interinstitucional que reúne representações das três instituições de ensino superior públicas da região Oeste da Bahia — o Campus IX da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), o Campus Barreiras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), e a UFOB) — e a representação da secretaria de educação do estado e do município. Articulado às comunidades negras, o coletivo provoca as instituições a fomentar cursos de formação; busca promover o protagonismo negro de quilombolas, ribeirinhos, beiradeiros e do povo do Santo, na programação da Semana de Consciência Negra de Barreiras e mantém a publicação da Revista SECONBA, *qualis* B4, que já está na sua oitava edição.

O Projeto Quilombando: estágio de vivência em comunidades quilombolas do Território Velho Chico, vigente desde 2016, é uma ação interinstitucional entre a UFOB, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Na UFOB, é liderado pela Profa. Dra. Napoliana Pereira Santana. A partir da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, o projeto promove a integração entre universidades e comunidades quilombolas por meio de um estágio de vivência de sete dias que envolve articulação com componentes curriculares, formação sobre vida(s) e saberes quilombolas, mapeamento histórico e cultural e diálogos com escolas quilombolas. Muitas dessas vivências resultaram em projetos de pesquisas de estudantes desenvolvidos por meio de Trabalhos de Conclusão de Curso e de dissertações de mestrado.

Dentre as ações relacionadas aos coletivos estudantis, destacam-se o Coletivo Mucambo e a Associação de Estudantes PEC-G da UFOB. O primeiro foi organizado por estudantes negros em 2015 como resultado do Programa Ações Afirmativas em Movimento (AAFIM) que promoveu naquele ano uma agenda de diálogos com a comunidade estudantil no intuito de identificar as demandas emergentes da assistência estudantil e ações afirmativas. Em uma das ações do AAFIM, foram distribuídos, pelos *campi* da UFOB, cartazes com a pergunta “você já sofreu racismo aqui?”. Por meio das respostas, um grupo de estudantes se aproximou e formou o Coletivo Mucambo, que em 2016 contribuiu para a realização do I Fórum da Diversidade da UFOB. Posteriormente, somaram-se novas ações, a exemplo, as denúncias de possíveis fraudes nas cotas reservadas aos cursos de graduação, mobilizando a instituição a investigar essas ocupações irregulares de vagas e instituir a primeira Comissão de Heteroidentificação, no ano de 2020.

A Associação de Estudantes PEC-G da UFOB (AEPOB) também é uma articulação orgânica. Surgiu em 2017, após a realização do I Encontro de Estudantes Negros, Quilombolas e Não-Brasileiros da UFOB. Na oportunidade, estudantes do Benin, Angola, Nigéria e Peru reuniram-se para discutir questões sobre o acesso a políticas de apoio à permanência e sobre as condições de sucesso acadêmico. Como resultado, a AEPOB se articulou com outras associações de

estudantes PEC-G no Brasil e provocou a instituição a ampliar as suas políticas institucionais voltadas para o programa.

Em 2020, nasce o grupo de pesquisa Reexistências Afrodiaspóricas, vinculado ao Centro das Humanidades (CEHU/UFOB), sob a coordenação das professoras Ma. Luziane Amaral de Jesus (UFOB) e Dra. Mayana Rocha Soares (UFOB), cujo intento é produzir, junto ao corpo de estudantes da graduação e pós-graduação, pesquisas acadêmicas, individuais e coletivas, acerca das resistências e reexistências do povo negro na afrodiaspora e suas intersecções de classe, gênero e sexualidade. Vale ressaltar a importância de um grupo de pesquisa negro, ativo e atuante na Universidade, de modo a ser um espaço de produção de conhecimento científico, mas também afetivo e político para as pessoas negras pesquisadoras.

O contexto do Território de Identidade Acadêmica da UFOB provoca a instituição a superar ranços de uma educação meritocrática eurocentrada e privilegiada, superando academicismos e ampliando os espaços de participação e inserção social da pesquisa e extensão articulados ao trabalho de ensino. Pode-se perceber que já se nota uma ocupação negra da UFOB, assim como um diálogo entre instituição e comunidade estabelecido por ações de seus servidores pesquisadores (TAE e docentes) e estudantes. A manutenção e fomento de tais ações depende do processo de institucionalização e ampliação das condições de acesso a dados, promoção da reflexão acadêmica, transposição didática e socialização dessas atividades e seus resultados. A presente proposta se justifica em virtude da necessidade de promover uma educação científica antirracista que tenha como princípio a epistemologia e historicidade negra, quilombola e indígena em suas singularidades do Território de Identidade Acadêmica da UFOB.

3.3 Objetivo Geral e Objetivos Específicos:

Geral:

- Instituir espaço de intervenção sociopolítica pautada na educação antirracista de estudantes de licenciaturas da UFOB, orientada por práticas indissociadas de ensino, pesquisa e extensão de caráter interdisciplinar, articuladoras de saberes, sujeitos e comunidades negras, quilombolas e indígenas da região oeste da Bahia;

Específicos:

- Promover formação para estudantes das licenciaturas no âmbito das teorias sobre as questões étnico-raciais e quilombolas no Brasil, a partir de uma abordagem interseccional;
- Oferecer às professoras e aos professores, às gestoras e aos gestores da Educação Básica formação teórico-metodológica na promoção de uma educação antirracista;
- Discutir e refletir com estudantes, professoras(es), coordenadoras(es) e gestoras(es) os impactos, a importância e a viabilidade de implementação das leis nº 9.394/1996, nº 10.639/2003, nº 11.645/2008, da Resolução CNE/CEB nº 8/2012 e demais dispositivos da legislação vigente, as quais garantem um ensino em prol da valorização da diversidade racial, sexual e de gênero, em ambiente escolar;
- Contribuir para ampliação das condições de pertencimento, permanência e sucesso acadêmico mediante a construção de espaço de acolhimento, articulação e trocas de afetos e saberes de estudantes, como estratégia de redução da evasão;

- Ampliar os espaços de engajamento político, por meio de ações de formação acadêmica referenciadas, para o enfrentamento de barreiras racistas e socioeconômicas de acesso e sucesso acadêmico dos estudantes de licenciatura.
- Implementar ações que contribuam com a redução de vulnerabilidades de acesso e sucesso acadêmico das(os) estudantes negros/as, quilombolas e indígenas.

3.4 Envolvimento da Instituição com o desenvolvimento da proposta:

A UFOB disponibiliza uma sala, com mesa ampla e cadeiras, para o desenvolvimento dos trabalhos do Grupo PET e se compromete à disponibilizar 03 computadores desktop, 01 projeto multimídia e armário. A UFOB dispõe de 02 salas de vídeo conferência e 03 auditórios que podem ser utilizados mediante agendamento prévio, pelo Grupo.

A Pró-Reitoria de Graduação disponibiliza técnico administrativa em educação para auxiliar nas atividades administrativas do grupo como: elaboração, publicação e acompanhamento de editais para tutores e bolsistas e não bolsistas, assim como aquisições de passagens ou transporte, diárias ou auxílios estudantis para viagens, se for o caso. E no processo de aquisição de materiais e equipamentos seja com os recursos do custeio do próprio PET, seja nos processos de licitação com recursos da Universidade, conforme disponibilidade orçamentária prevista para o exercício anual.

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura promoverá a logística de contatos com as comunidades, quando necessário.

3.5 Articulação do Projeto Pedagógico Institucional:

O PET Rede de Educação Antirracista está articulado com as seguintes diretrizes para as políticas de ensino de graduação, conforme o PPI da UFOB (2014, p. 98 - 100):

- “Promover o fortalecimento das licenciaturas e dos bacharelados;”
- “Criar condições para a promoção de um ensino de graduação articulado com a pesquisa e a extensão;”
- “Promover políticas que consolidem a articulação da graduação com a Educação Básica;”
- “Promover políticas que consolidem a articulação da graduação com os diversos setores da sociedade;”
- “Promover formação acadêmica e profissional dos graduandos em uma perspectiva crítica e contextualizada;”
- “Implementar ações que combatam a evasão e a repetência nos cursos de graduação;”
- “Implementar políticas de Inclusão e diversidade;”
- “Promover programas e projetos que fortaleçam a formação acadêmico-científica dos estudantes da graduação;”

Considerando tais diretrizes e princípios da proposta político-pedagógica institucional da UFOB, o grupo PET, em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) (2019-2023, prorrogado até dezembro de 2024), almeja contribuir para o cumprimento da missão institucional que é “defender e respeitar os princípios de gratuidade e excelência do ensino, indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, universalidade do conhecimento e liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a

arte, o saber e o pluralismo de ideias”. (PDI UFOB, 2019, p. 21). Além de manter a indissociabilidade já prevista na missão, o novo grupo PET implementará ações que contribuam para o fortalecimento da produção acadêmico-científica dentro da universidade, fomentando a pluralidade e multiplicidade dos modos de produzir conhecimentos na sociedade, por meio de um diálogo profícuo com outros espaços de produção de saberes, a exemplo das comunidades quilombolas, ribeirinhas, geraizeiras e de terreiros.

3.6 Práticas inovadoras de ensino:

Sendo o PET uma ferramenta de articulação que permite e fomenta o diálogo entre os eixos universitários de ensino, pesquisa e extensão, acreditamos que podemos construir, a partir da parceria com as escolas e as comunidades negras, quilombolas e indígenas, momentos educacionais singulares e materialmente ricos de produção de conhecimentos e saberes, a partir de uma práxis educativa antirracista do chão escolar. Nesse sentido, temos cinco orientações para essas práticas inovadoras de ensino: a educação como prática de liberdade, como nos ensinaram Paulo Freire (1999) e bell hooks (2013); as pedagogias indígenas, segundo Gersem Baniwa (2019); o Movimento Negro Educador, nos termos de Nilma Lino Gomes (2017); a Pedagogia da Desobediência, de Thiffany Odara (2020); e as oficinas afetivas como metodologia didática, a partir das contribuições de Saoara Sotero (2011). Ressaltamos que as práticas inovadoras de ensino, mencionadas anteriormente, estão sendo pautadas dentro de um contexto da escola formal, urbana e colonial, pois elas são secularmente desenvolvidas entre as comunidades negras e indígenas e aprendidas desde os primeiros passos de organização e formação de nossos povos.

A educação como prática da liberdade corresponde a um exercício contínuo de construir uma relação com o saber de maneira afetiva e efetiva, tendo na alegria e no entusiasmo fontes primordiais de estímulo. Para Paulo Freire e bell hooks, a aprendizagem não é possível, pela via da coerção e punição, posto que tais práticas, como já esmiuçadas por Michel Foucault (1999), correspondem aos métodos europeus para “vigiar e punir”. Sendo assim, ter a liberdade como horizonte, reorganiza a prática escolar para a valorização de métodos e teorias que provocam a reflexão e a aprendizagem crítica, além de ser um grande estímulo da criatividade de todas as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem.

Além disso, a educação como prática de liberdade nos move em direção a uma prática secular de aprendizagem ancestral pela contação de histórias, pela aprendizagem por meio da experiência e para uma variedade enorme de textualidades: orais, escritas, imagéticas, audiovisuais, entidades vivas, contato com a natureza, espaços culturais, dentre outros. Alinhadas a essa perspectiva, situam-se as pedagogias indígenas que, segundo Gersem Baniwa (2019), são múltiplas e fundamentadas em visões de mundo baseadas nos princípios, nas ontologias e nas epistemologias dos sistemas de pensamento indígena. Nesse processo pedagógico, a ancestralidade é um dos princípios fundantes que promove interação, conexão e integração com a natureza, fonte da força existencial e espiritual de onde vem a resistência cósmica de povos e natureza.

Nilma Nilo Gomes (2017) nos apresentou um valioso estudo sobre como os saberes e os conhecimentos são organizados e planejados a partir das experiências dos quilombos e dos terreiros, os quais mantêm viva a memória da ancestralidade negra no país. Seus achados são fundamentais para que possamos implementar tecnologias e práticas escolares fora dos ambientes formais de educação, pondo em evidência a capacidade formativa e pedagógica do Movimento Negro enquanto um espaço de luta e resistência do povo negro no Brasil. Portanto,

refrescam e atualizam de maneira inovadora tanto a formação de discentes de licenciaturas no tratamento dos conteúdos relacionados à luta antirracista quanto de professoras, professores, gestoras e gestores da educação básica, em suas práticas docentes.

Há ainda uma fundamental contribuição que se soma à luta antirracista na educação com a Pedagogia da Desobediência, de Thiffany Odara (2020). Interseccionalizando raça, gênero, classe e sexualidade, Thiffany Odara faz uma reflexão acerca de como os corpos trans de homens e mulheres negras e de periferia são pedagógicos nos processos de aprendizagem e de valorização da diferença em sala de aula. Através de sua pedagogia da desobediência, que é ser desobediente à ordem colonial e suas ferramentas cisheteronormativas masculinistas capitalistas de supremacia branca, a autora nos convida a construir uma aprendizagem pautada na coexistência em diferença, ao valorizar um espaço escolar diverso, múltiplo, acolhedor e transformador.

Daí, todo esse aparato se concretiza metodologicamente tendo nas oficinas e rodas de conversa meios sensíveis, afetivos e significativos para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem que, de fato, mobilize o chão escolar a construir uma ancoragem de liberdade educacional, intelectual, afetiva e prática. Saoara Sotero (2011), em sua pesquisa, oferece estratégias educacionais fundamentais para uma prática escolar voltada à reflexão e ao “aprender fazendo”. Diferente do raciocínio europeu da separação entre corpo e mente, cujo pensamento se localiza apenas na mente, e o corpo é imóvel diante deste processo, as oficinas são recursos metodológicos fundamentais para aprender com o corpo todo e toda a sua potência cognitiva, sensitiva e prática.

3.7 Relação com a sociedade:

O PET Rede de Educação Antirracista estabelecerá relações com diversos segmentos da sociedade. Além de contribuir com a formação de futuros profissionais da educação aptos a atuar com uma perspectiva antirracista, o programa dialogará com escolas, com os cursos de graduação e pós-graduação da UFOB, com órgãos e instituições públicas ligados com educação e cultura e com as comunidades de terreiros, quilombolas e indígenas localizados no Território de Identidade Acadêmica da UFOB.

A partir dos debates construídos dentro da formação proporcionada pelo PET, o diálogo com as escolas funcionará como amplificador das discussões acerca das pesquisas e debates sobre relações étnico-raciais e quilombolas no Brasil. Esta aproximação proporcionará uma formação docente antirracista e atenta com a realidade educacional no oeste da Bahia. Internamente, na UFOB, o PET será uma oportunidade de estabelecer discussões e pesquisas de modo interdisciplinar, bem como contará e dialogará com as pesquisas desenvolvidas por docentes e estudantes de graduação e pós-graduação dos diversos cursos.

Considera-se que a educação antirracista não deva ficar restrita aos espaços escolares. Nesse sentido, é de suma importância a aproximação com órgãos e instituições públicas ligadas com educação e cultura como secretarias de educação, fundações de cultura, museus municipais e arquivos públicos municipais, estaduais e nacional para a realização tanto de pesquisas como de ações que promovam as discussões sobre as problemáticas étnico-raciais.

As ações com as várias comunidades proporcionarão não só uma formação aos estudantes em contato com as experiências sociais e culturais de diferentes segmentos, como também possibilitará a troca de conhecimentos entre acadêmicos e diversos agentes sociais. O foco

ocorrerá, mais especificamente, em três grupos comunitários: comunidade de terreiro, comunidade quilombola e comunidade indígena. Consideramos esses três fundamentais para os debates sobre raça e racismo na sociedade brasileira. Então, os saberes e experiências fortalecerão uma formação sólida a partir de variadas matrizes epistêmicas.

O diálogo com as comunidades de terreiro possibilitará o acesso com as expressões culturais e religiosas/espirituais de matriz africana e indígena, bem como permitirá valorizar os conhecimentos e as lutas contra o racismo religioso vivido pelas comunidades de terreiro. As experiências das comunidades indígenas e quilombolas e suas formas de compartilhar o conhecimento permitirão aos estudantes bolsistas do PET o contato com a organização coletiva de diferentes povos de modo a problematizar os processos educativos dentro e fora das comunidades.

A aproximação com as comunidades indígenas e quilombolas será de grande importância para o acompanhamento de suas cosmocepções e relações com o meio ambiente, especialmente no que tange aos problemas macros enfrentados na região oeste da Bahia e também a nível nacional, como o desmatamento, as queimadas, o uso indiscriminado dos agrotóxicos, a degradação do solo, poluição das águas. Essas comunidades contribuem para a mitigação deste cenário, ao mesmo tempo em que vivenciam o assédio por parte de práticas de grileiros. O contato com tais comunidades propiciará uma formação interdisciplinar e multidisciplinar dialogada com os saberes tradicionais proporcionando uma troca de conhecimentos entre o que é produzido na universidade e o que é produzido no chão dos quilombos, das escolas, dos terreiros e das comunidades indígenas.

3.8 Formação pedagógica dos bolsistas PET:

As(Os) bolsistas da Rede de Educação Antirracista farão parte de processos formativos na universidade e nas comunidades participantes deste projeto, por meio de formação teórica, formulação de problemáticas de pesquisa e atividades práticas desenvolvidas nos dois campi e pelos sete cursos de licenciaturas elencados nesta proposta, sendo respeitadas as especificidades de seus respectivos projetos pedagógicos de curso e as parcerias entre as(os) professoras(es) e as(os) gestoras(es) da escolas de educação básica dos dois municípios envolvidos: Barreiras e Santa Maria da Vitória.

As parcerias ocorrerão através de atividades de formação continuada para a promoção de uma educação antirracista, propiciadas, conjuntamente, pelo grupo de estudantes, tutor e profissionais da área. Além dessas atividades formativas, será ofertada orientação, por parte da tutoria e desses profissionais, para fortalecer a implementação dos dispositivos educacionais legais vigentes, no intuito de propiciar e/ou ratificar práticas didático-pedagógicas de valorização da diversidade racial, sexual e de gênero, na esfera escolar.

3.9 Articulação entre ensino, pesquisa e extensão:

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é o que confere ao estudante uma formação mais ampla (técnica e cidadã) alinhada aos problemas da sociedade contemporânea. Uma formação que seja capaz de proporcionar a produção de novos conhecimentos por meio da intervenção nos processos sociais e difusão de seus resultados. Sendo assim, esta proposta busca promover espaço de construção de experiências formativas pautado num diálogo multidisciplinar que relaciona fundamentalmente saberes científicos com saberes produzidos por escolas e comunidades negras, quilombolas e indígenas.

Essa perspectiva formativa que perpassa pela indissociabilidade do tripé universitário, entende o estudante como sujeito autônomo e produtor de saberes e fazeres acadêmicos e pedagógicos oriundos de diferentes cosmovisões. Rompe com a noção racista que classifica o conhecimento científico de matriz eurocêntrica como superior em detrimento a outras bases epistemológicas, a exemplo dos saberes advindos de experiências ancestrais-atuais elaborados por povos afrodiáspóricos e ameríndios. Superar o epistemicídio acadêmico, como nos adverte Sueli Carneiro, perpassa pela introdução de uma educação antirracista que promova o desmonte da hegemonia branca na produção científica e legitime modos de pensar e existir no mundo de diferentes matrizes étnicas, culturais e sociais.

Ao propor um espaço coletivo de ensino e aprendizagem que agrega produção, intervenção e difusão de conhecimentos a partir de um diálogo horizontal com escolas e comunidades negras e indígenas, buscamos possibilitar uma formação crítico-reflexiva por meio de abordagens inovadoras assentadas em outros pilares epistêmicos. Além disso, as conquistas advindas das lutas históricas dos movimentos sociais negros e indígenas, como as leis 10.639, 11.645 e 12.711 mostram-se como importantes aliadas para que estudantes de licenciaturas participem ativamente na reformulação de conteúdos ensinados (dentro e fora da universidade) e sintam-se encorajados a construir uma carreira profissional pautada na defesa de uma educação socialmente referenciada, de dimensão ética e política voltada para o antirracismo e a emancipação coletiva.

Para tanto, é importante provocar a integração entre os coletivos exitosos da UFOB com o novo grupo PET, a saber: SECONBA, Coletivo Mucambo, Projeto Quilombando, AEPOB e Reexistências Afrodiáspóricas, formando parcerias que priorizam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, mas que também fortalecem a comunidade e a inserção de novos conhecimentos e novas metodologias, as quais podem acontecer desde os encontros afetivo-intelectuais e formativos sobre a educação escolar quilombola e as questões étnico-raciais no Brasil até à elaboração de materiais didáticos que auxiliem no fortalecimento de uma educação antirracista.

3.10 Contribuição da proposta para a redução da evasão e para a retenção:

Os dados sobre solicitações de cancelamento de curso, desistências e retenção nos cursos de licenciatura da UFOB são elevados. Conforme o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFOB, os cancelamentos de matrícula e as desistências dos cursos de licenciaturas representam em média 52% dos estudantes que ingressaram em 2022 e 32,97% dos que ingressaram em 2023.

Alguns fatores contribuem para a evasão e retenção. A situação socioeconômica é uma delas, boa parte dos estudantes são atendidos pelo auxílio estudantil, que faz parte da Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), a qual é destinada aos estudantes com renda per capita de até um salário mínimo e meio. Porém, esse auxílio não é suficiente para o custeio dos gastos recorrentes desses estudantes: aluguel, alimentação, transporte, dentre outros, considerando o custo de vida no Oeste da Bahia. Isso leva muitos estudantes a trancar ou desistir de seus cursos para ingressar no mercado de trabalho e garantir o sustento da família. A falta de identificação e/ou de apropriação de conhecimentos básicos relacionados aos cursos também se torna um elemento influenciador na decisão de abandonar/trancar o respectivo curso.

Além desses obstáculos, a falta de pertencimento ao espaço acadêmico causada pelas violências diversas (capacitismo, sexismo, assédio...) sofridas pelos estudantes também contribui. O racismo é uma delas, materializado tanto pelas ações do cotidiano do espaço acadêmico quanto pela estrutura curricular eurocêntrica, que é composta hegemonicamente pelos conhecimentos produzidos pela sociedade europeia (principalmente homens brancos), ignorando a contribuição das populações negras e indígenas e de outros povos para a constituição dos saberes presente na nossa sociedade.

Diante disso, o PET poderá auxiliar na redução da evasão e da retenção no espaço universitário, por meio da bolsa, que consiste numa ajuda financeira para os estudantes participantes do programa e possibilita um foco maior nos estudos. Outra forma de colaboração é o fortalecimento da identidade profissional, pois os estudantes estarão em relação direta com seu campo de atuação profissional, fazendo, assim, a relação dos conhecimentos teóricos estudados na universidade com aqueles (com)partilhados nas experiências em comunidades e nos cursos ministrados nas escolas da educação básica. Além disso, poderá haver o fortalecimento da autoestima e do pertencimento em relação às questões étnico-raciais devido à formação recebida no PET que focará na contribuição dos povos negros e indígenas para a constituição da nossa sociedade brasileira e dos nossos saberes ancestrais-atuais; e, por fim, haverá o tencionamento e o questionamento da atual estrutura curricular eurocentrada dos cursos de licenciaturas, resultando na incorporação do debate sobre as relações étnico-raciais no Brasil e a educação escolar quilombola, contribuindo para a consolidação de uma educação antirracista no espaço acadêmico e nas escolas.

3.11 Contribuição para a aproximação dos currículos dos respectivos cursos de graduação com o desenvolvimento científico, cultural, artístico e tecnológico:

A presente proposta, referenciando-se na realidade da região acadêmica de abrangência da UFOB, atua no enfrentamento das desigualdades elaboradas na historicidade racista dessa região ao implementar ações de articulação da sociedade e educação básica com a educação superior na promoção do protagonismo acadêmico estudantil. Institui-se como laboratório didático-social de estudos e atividades formativas desenvolvidas e implementadas sob o princípio da dialogicidade, pautado na valorização dos saberes e vivências negras e indígenas; nas condições materiais que marcam a existência desses sujeitos e no desenvolvimento de pesquisas e ações de intervenção por parte dos estudantes das licenciaturas.

Ao situar-se nos cursos de formação de professores, o PET oportuniza um diálogo pedagógico-institucional com os processos formativos nos quais os conteúdos percorrem o caminho das comunidades à universidade não somente como subsídio reflexivo, mas principalmente como referencial epistêmico. Esta proposta de PET Rede de Educação Antirracista foi produzida a partir das pedagogias decoloniais, caracterizadas pela superação da hegemonia academicista eurocentrada, principalmente por convocar à cena acadêmica o protagonismo dos conhecimentos elaborados na práxis da resistência dos povos subalternizados.

Os processos formativos se articulam aos currículos das licenciaturas ao expor os conteúdos hegemônicos à crítica epistêmico-social dos saberes e conhecimentos quilombolas, ribeirinhos, beiradeiros, afroreligiosos e afrodiaspóricos, elaborados nas ancestralidades negra e indígena para o enfrentamento das desigualdades raciais e das desvantagens socioeconômicas. Além de desenvolver uma perspectiva crítica dos estudantes, busca-se também promover a emancipação mediante o letramento racial crítico que permite a desconstrução das visões eurocentradas na interpretação da realidade e intervenção histórica. Trata-se de oferecer espaço de reflexão

decolonial dos próprios currículos a partir de uma práxis e episteme negra e indígena como estratégia de formação antirracista na superação do devir-negro do mundo.

A ampliação dos debates antirracistas e espaços formativos no âmbito das licenciaturas provocam a articulação da universidade com a educação básica à medida em que estimula os estudantes à investigação acadêmica e intervenção na realidade educativa. Tal ampliação, fundamentada nas pedagogias decoloniais, oportuniza a revisão dos currículos da educação básica e das práticas pedagógicas dos sistemas de ensino e unidades escolares participantes, a partir da reflexão crítica sobre possíveis diretrizes fetichistas na abordagem de temáticas relacionadas à educação das relações étnico-raciais e à educação escolar quilombola e indígena. Dessa forma, os processos e a formação inicial e continuada de professoras(es) estarão, simultaneamente, sendo conectados com os debates decoloniais, em virtude da afetação de uma pedagogia antirracista nas práticas educacionais, sociais e culturais das comunidades e dos sujeitos envolvidos nessa proposta.

4. ATIVIDADES PLANEJADAS

Atividade 01: Primeira Encruzilhada: estudos contínuos sobre educação das relações étnico-raciais, quilombolas e indígenas

Carga Horária: 240 horas no ano

Data Início da Atividade: 01/11/2024

Data Fim da Atividade: 31/10/2025

Descrição/Justificativa: Esta atividade engloba diferentes ações que vão desde o planejamento a realização de encontros entre tutor e estudantes por meio de oficinas intelectuais, criativas e afetivas, que prezam pelo estímulo, alegria e acolhimento. Com base na seleção de textualidades diversas (bibliografias, audiovisuais, musicais), efetuar leituras que subsidiará diálogos reflexivos interdisciplinares e interseccionais sobre as questões raciais, quilombolas e indígenas no Brasil e de suas relações com a educação. Diante de uma escolarização permeada pelo eurocentrismo, promover a desconstrução do discurso hegemônico a partir do confronto de ideias é mais que necessário para reconstruir novos conhecimentos alinhados as perspectivas de uma educação antirracista e libertadora. As leituras e os estudos prévios, partilhados e associados às experiências de vida de cada estudante apresentam-se como ricas estratégias de construção de saber capazes de promover um aprendizado crítico, profundo e autônomo.

Objetivos: Tecer formas de aprendizagem coordenada e coletiva do grupo de estudantes de modo a subsidiar a formação de novos pesquisadores, críticos e comprometidos com uma educação anticolonial, antirracista e libertadora.

Construir saberes alinhados à educação das relações étnico-raciais, quilombola e indígena que se desdobrará em ações práticas por meio da pesquisa e extensão.

Como a atividade será realizada? (Metodologia): A atividade se desenvolverá como encontros formativos coletivos por parte da equipe PET se desdobrando nas seguintes fases: 1) organização de um cronograma de estudos e debates; 2) seleção de textualidades (bibliografias, audiovisuais, músicas, etc.) para os estudos sobre raça, racismos, conceitos, legislação e

diretrizes curriculares que permeiam a educação antirracista; 3) realização de encontros formativos por meio de oficinas intelectuais, afetivas e acolhedoras; 4) socialização das experiências de leituras; 5) produção de relato escrito da experiência de aprendizagem.

Quais os resultados que se espera da atividade? Propiciar trocas de saberes pautados em referenciais africanos, afrodiaspóricos, indígenas e quilombolas como possibilidades de diálogo educativo na formação profissional de graduandos dos cursos de licenciaturas.

Fazer do PET Rede de Educação Antirracista da UFOB um espaço de construção de saberes e de ações pedagógicas comprometido com a democratização do conhecimento e das formas de aprender, sem perder de vista a potencialidades de cada estudante.

Qual será a metodologia de avaliação da atividade pelo grupo? Presença e participação nos encontros de planejamento, leitura dos textos e discussões nas oficinas intelectuais afetivas; escrita e revisão dos relatos da experiência coletiva de aprendizagem.

Atividade 02: Segunda Encruzilhada: produção de conhecimentos por meio da pesquisa coletiva

Carga Horária: 200 horas no ano

Data Início da Atividade: 01/11/2024

Data Fim da Atividade: 31/10/2025

Descrição/Justificativa: A partir da realização de observações de campo, pesquisa bibliográfica e diálogos com comunidades escolares do Território de Identidade Acadêmica da UFOB, a equipe do PET realizará uma pesquisa coletiva de modo a diagnosticar a existência e a experiência de Educação das Relações Étnico-Raciais, do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, da Educação Indígena e da Educação Escolar Quilombola. A atividade se justifica pela importância da formação de pessoas estudantes pesquisadoras capazes de produzir saberes acadêmicos de forma coordenada e coletiva e pela necessidade de um diagnóstico abrangente no Território de Identidade Acadêmica da UFOB sobre a aplicação pelas diversas escolas da legislação (lei 10.639/2003, lei 11.645/2008) e Diretrizes Curriculares Nacionais, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro- Brasileira e Africana, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena e as Diretrizes para a Educação Escolar Quilombola.

Objetivos: Proporcionar uma experiência de investigação coordenada e coletiva de modo a subsidiar estudantes com uma experiência de produção de conhecimento em suas várias fases. Realizar diagnóstico sobre experiências escolares relacionadas às diretrizes curriculares nacionais supracitadas.

Como a atividade será realizada? (Metodologia): A atividade se desenvolverá como uma pesquisa coletiva por parte da equipe PET se desdobrando nas seguintes fases: 1) estudo sobre conceitos, legislação e diretrizes curriculares supracitadas (5 encontros com foco na discussão de leituras prévias totalizando 20 horas); 2) levantamento bibliográfico e em bancos de dados governamentais sobre a presença de escolas quilombolas e indígenas no Território de Identidade Acadêmica da UFOB (20 horas); 3) estabelecimento de uma seleção de escolas para realização

de estudos de caso (10 horas); 4) realização de atividades de campo com pesquisa dialógica junto às comunidades escolares numa imersão compreensiva de modo a conhecer as condições de ensino, sua relação com a legislação e diretrizes supracitadas e as situações existentes (20 horas); 5) momentos de socialização das experiências de campo e do exercício de análise das mesmas de forma coletiva (10 horas); 6) elaboração de propostas e materiais didáticos (20 horas); 7) produção de relato escrito da experiência que resultará em artigo científico (20 horas).

Quais os resultados que se espera da atividade? Um diagnóstico da situação da aplicação da legislação para a Educação para as Relações Étnico-Raciais e das diretrizes curriculares da educação escolar quilombola e indígena e de experiências, dificuldades, desafios e demandas. A formação de pessoas pesquisadores a partir de uma experiência de investigação coletiva. Elaboração de propostas e materiais didáticos; Produção de artigo científico que será apresentado e publicado em evento acadêmico.

Qual será a metodologia de avaliação da atividade pelo grupo? Presença e participação nos encontros de discussão, leitura dos textos, participação nas atividades de campo e no processo coletivo de escrita e revisão dos relatos da experiência coletiva de pesquisa e do artigo científico.

Atividade 03: Terceira Encruzilhada: educação antirracista no chão da escola

Carga Horária: 200 horas no ano

Data Início da Atividade: 01/11/2024

Data Fim da Atividade: 31/10/2025

Descrição/Justificativa: A atividade consistirá no planejamento, organização, oferta e avaliação de cursos extensionistas (de 30 horas cada) sobre a educação das relações étnico-raciais, educação escolar quilombola e indígena focados nas comunidades escolares da rede básica de educação, municipais e/ou estaduais, integrantes dos processos de pesquisa do PET Rede de Educação Antirracista da UFOB. Contará com a participação de diferentes pessoas pesquisadoras dos cursos de pós-graduação da UFOB e de outras universidades para tratar de temáticas relacionadas com as relações étnico-raciais e as experiências escolares atreladas às comunidades tradicionais e ao antirracismo. A importância desta atividade é fortalecer o debate da educação antirracista nas escolas e, conseqüentemente, ampliar o diálogo entre escolas e universidade. A ideia é que os estudantes integrantes do PET participem ativamente da elaboração e concretização da proposta do curso. Atrelado a isso, possibilitará aos professores da rede básica de educação e aos estudantes integrantes do PET o contato com a produção acadêmica de vários programas de pós-graduação de modo a fomentar o debate interdisciplinar e multidisciplinar. As pessoas pesquisadoras convidadas serão de instituições variadas. Com isso, busca-se aproximar estudantes das licenciaturas e professores da rede de ensino de experiências de pesquisas sobre as mais variadas perspectivas, bem como estreitaremos laços com outras instituições de ensino e de pesquisa para o debate sobre a educação antirracista e as relações étnico-raciais. As pessoas bolsistas realizarão ao fim da atividade um diário de acompanhamento das discussões para abordar a síntese dos conteúdos e dos elementos teóricos e metodológicos expostos pelas pessoas pesquisadoras.

Objetivos: Promover cursos extensionistas com temáticas relacionadas ao debate sobre as relações étnico-raciais e educação antirracista, visando a formação de professores/as da educação básica e de estudantes de licenciaturas da UFOB; Que o curso promova transformações nas práticas escolares com introdução de temáticas e metodologias alinhadas a educação antirracista no chão das escolas.

Como a atividade será realizada? (Metodologia): Realização de dois cursos extensionistas de formação com carga horária de 30 horas cada. A atividade será feita a partir de encontros presenciais ou remotos, a depender da maior viabilidade de participação das comunidades escolares, com pessoas pesquisadoras da temática, com usos de metodologias múltiplas.

Quais os resultados que se espera da atividade? Capacitação de pessoas das comunidades escolares para a educação das relações étnico-raciais, educação escolar quilombola e indígena; Ampliação do repertório temático acerca das relações étnico-raciais e da educação antirracista; Domínio de metodologias de ensino e de pesquisa e aproximação multidisciplinar dos debates realizados ao longo das atividades.

Qual será a metodologia de avaliação da atividade pelo grupo? Presença e participação nos encontros; Diário de acompanhamento de discussão.

Atividade 04: Quarta Encruzilhada: encontro de saberes afrodiaspóricos, quilombolas, indígenas e de comunidades de terreiro

Carga Horária: 120 horas no ano

Data Início da Atividade: 01/11/2024

Data Fim da Atividade: 31/10/2025

Descrição/Justificativa: Esta atividade prevê uma aproximação da equipe do PET Rede de Educação Antirracista (e demais interessados) com as comunidades quilombolas, indígenas e de terreiros localizadas no Território de Identidade Acadêmico da UFOB, por meio de estágios de vivência, visitas coordenadas e rodas de conversa. A relação com as comunidades negras e indígenas terá um papel primordial não só para discutir e problematizar as questões políticas, culturais e sociais das vivências desses grupos, como também para experimentar os modos de partilhar saberes comunitários e as vivências da educação escolar. O contato comunitário e com as escolas quilombolas e indígenas contribuirá para a formação docente capaz de contribuir para o aperfeiçoamento das formas de educação escolar de diferentes comunidades tradicionais. Associado a isso, as comunidades tradicionais com seus saberes ancestrais propiciam uma formação fundamentada em conhecimentos que preservam nossa memória coletiva afrodiaspórica, afro-brasileira e ameríndia. Trata-se de elementos que modificam nossa estrutura epistêmica e promovem a recuperação da autoestima intelectual e autonomia de pensamento.

Objetivos: Proporcionar, por meio do estágio de vivência e visitas guiadas às comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas e de terreiros), uma experiência formativa que alargue as opções epistemológicas e metodológicas de produção de conhecimento e de ensino. Promover o mapeamento de saberes e culturas alicerçados em múltiplas matrizes epistêmicas que darão base à ampliação das noções de sociedade e de mundo.

Como a atividade será realizada? (Metodologia): A atividade se desenvolverá por meio de visitas guiadas e/ou estágios de vivência por parte da equipe PET se desdobrando nas seguintes fases: 1) diálogo com as associações comunitárias para a realização das vivências; 2) visitas guiadas aos espaços culturais, religiosos e escolares; 3) realização de conversas com mestres e mestras do saber; 4) realização de rodas de conversas coletivas; 5) participação e registros de atividades religiosas e culturais promovidas pelas comunidades tradicionais; 6) momentos de socialização das experiências de campo; 7) produção de relato escrito da experiência que poderá resultar em artigos científicos ou na elaboração de materiais didáticos.

Quais os resultados que se espera da atividade? Acessar saberes que resultem em deslocamentos de pensamentos hegemônicos, racistas e coloniais; Mapeamento de saberes ancestrais, culturais e tecnológicos produzidos por comunidades tradicionais; Que os saberes indígenas, quilombolas e afrocentrados alcancem os currículos das licenciaturas e das escolas com vistas na produção de novas práticas e metodologias de ensino.

Qual será a metodologia de avaliação da atividade pelo grupo? Participação nas atividades de campo (vivências e visitas); Diário de campo contendo os registros de saberes e fazeres de povos e comunidades tradicionais; Elaboração e socialização dos relatos da experiência; Produção recursos didáticos (escritos, audiovisuais).

Atividade 05: Quinta Encruzilhada: articulando o PET aos grupos e às ações extensionistas antirracistas da UFOB

Carga Horária: 120 horas

Data Início da Atividade: 01/11/2024

Data Fim da Atividade: 31/10/2025

Descrição/Justificativa: Esta atividade consiste na integração do PET Rede de Educação Antirracista as ações promovidas pelos seguintes coletivos antirracistas da UFOB: SECONBA, Coletivo Mucambo, Associação de Estudantes PEC-G, Projeto Quilombando e Reexistências Afrodiaspóricas. Busca-se formar parcerias que fortaleçam as comunidades negras, indígenas e quilombolas, dentro e fora dos muros acadêmicos por meio da articulação e participação nos projetos já desenvolvidos pelos referidos coletivos e/ou a inserção de novas ações políticas e educativas.

Objetivos: Fortalecer ações políticas e pedagógicas dos coletivos negros da UFOB que se relacionam diretamente com a promoção de políticas de ações afirmativas nas instituições educacionais e culturais presentes na região oeste da Bahia. Por meio dos coletivos negros, contribuir com a institucionalização e/ou ampliação das políticas de ações afirmativas na UFOB.

Como a atividade será realizada? (Metodologia): Participação do grupo PET nos eventos organizados pelos coletivos negros; realização de atividades comuns com vistas na promoção de uma educação antirracista; construção de uma agenda comum de encontros afetivo-intelectuais que fortalecem os grupos e suas ações pedagógicas e políticas.

Quais os resultados que se espera da atividade? Fortalecimento dos coletivos negros da UFOB; fortalecimento das práticas promotoras de uma educação antirracista; ampliação das políticas de ações afirmativas na UFOB.

Qual será a metodologia de avaliação da atividade pelo grupo? Participação nos debates e eventos.

5. Considerações Finais

O PET Rede de Educação Antirracista “Saberes Insurgentes: por uma educação antirracista no chão da escola” constitui-se, nesta proposta, como instituição de formação em educação antirracista de estudantes dos cursos de licenciaturas da UFOB, agregando distintas áreas de conhecimento — ciências biológicas, ciências exatas e da terra, ciências humanas, letras e artes. Os processos de ensino e aprendizagem afrodiáspóricos e indígenas apresentados esforçam-se para que estudantes se aproximem do conhecimento considerando seus potenciais formativos, associando ensino, pesquisa e extensão.

Trata-se de um espaço comprometido com a educação plural, democrático e antirracista, que prioriza novos paradigmas de educação assentados em pluralidades epistêmicas, especialmente, as de origens africanas, afrobrasileiras, quilombolas e indígenas, a partir de formas de saber/fazer alinhadas a dimensão afetivo-intelectual como estratégia de valorização das potencialidades de cada indivíduo envolvido no processo. Além disso, a formação antirracista aqui proposta contribui diretamente no fortalecimento da autoestima de uma parcela significativa de estudantes que passou a ocupar a universidade devido às políticas de ações afirmativas e inibir possíveis desistências e/ou retenções.

Este espaço contribuirá com o fortalecimento de uma práxis educativa antirracista na UFOB, uma vez que nos currículos da grande maioria dos cursos de graduação ainda impera os pilares filosóficos da hegemonia europeia. Soma-se a isso, a parceria entre comunidades negras, quilombolas e indígenas e escolas para a oferta de encontros formativos/oficinas que contemplem a educação das relações étnico-raciais e da educação escolar quilombola. Tais possibilidades resultarão em experiências educacionais singulares e materialmente ricas de produção de conhecimentos e saberes. O PET Rede de Educação Antirracista na UFOB significará uma conquista importante que contribuirá diretamente na ampliação e fortalecimento das políticas de ações afirmativas institucionais com amplo alcance regional por meio do Território de Identidade Acadêmica.